



## HEGEMONIA CRISTÃ – O NEOPENTECOSTALISMO E SUA RELAÇÃO COM AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRICANAS

Lavini Castro<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse artigo debate sobre a presença da hegemonia cristã na formação social brasileira através da relação entre Estado e Igrejas, num primeiro momento a igreja católica imbuída de um processo civilizatório, mas num outro contexto as igrejas evangélicas, também se aproximaram do poder estatal interessadas em definir espaços de atuação política, social e cultural na forma de consolidar sua visão de mundo. Nesse sentido, o cristianismo introduzido em nossa sociedade pelo catolicismo iniciou mecanismos de poder cultural, além de criar espaço para implementação de valores sociais e morais, mas foi seguido por outras denominações religiosas cristãs, na roupagem pentecostal, mas nitidamente neopentecostal, que auxiliaram na estruturação de concepções hegemônicas a respeito de uma única visão religiosa, a cristã. Contudo, apesar das divergências no meio cristão, não notamos nítida diferenciação entre católicos e evangélicos, conservadores, quando o assunto é a supressão cultural afro-brasileira ou um projeto de cristianismo hegemônico.

**Palavras-chave:** Hegemonia Cristã; Diversidade Religiosa; Demonização.

### CHRISTIAN HEGEMONY - NEO-PENTECOSTALISM AND ITS RELATION TO THE RELIGIONS OF AFRICAN MATRICES

**Abstract:** This article discusses the presence of Christian hegemony in the Brazilian social formation through the relationship between State and Churches, at first the Catholic Church imbued with a civilizing process, but in another context the evangelical churches also approached the state power interested in defining spaces of political, social and cultural action in the form of consolidating its vision of the world. In this sense, Christianity introduced into our society by Catholicism initiated mechanisms of cultural power, in addition to creating space for the implementation of social and moral values, but was followed by other Christian denominations in the pentecostal dress, but clearly neopentecostal, that helped in the structuring of hegemonic conceptions regarding a single religious vision, the Christian one. However, despite the divergences in the Christian milieu, we do not notice a clear differentiation between Catholics and Evangelicals, conservatives, when it comes to Afro-Brazilian cultural suppression or a project of hegemonic Christianity.

**Keywords:** Christian Hegemony, Religious Diversity, Demonization.

### HÉGÉMONIE CHRÉTIENNE - LE NÉO-PENTECÔTISME ET SES RELATIONS AVEC LES RELIGIONS DES MATRICES AFRICAINES

**Résumé:** Cet article traite de la présence de l'hégémonie chrétienne dans la formation sociale brésilienne à travers les relations entre État et Églises, au début l'Église catholique imprégnée d'un processus de civilisation, mais dans un autre contexte, les Églises évangéliques ont également approché le pouvoir d'État intéressé à définir des espaces d'action politique, sociale et culturelle permettant de consolider sa vision du monde. En ce sens, le christianisme introduit dans notre société par le catholicisme a initié des mécanismes de pouvoir culturel, en plus de

<sup>1</sup> Mestra em Relações Étnico-Raciais pelo Programa Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ. E-mail: [lavinicastro@gmail.com](mailto:lavinicastro@gmail.com)



créer un espace pour la mise en œuvre de valeurs sociales et morales, mais a été suivi par d'autres confessions chrétiennes à la robe pentecostale, mais clairement néopentecostal, qui ont contribué à la structuration. de conceptions hégémoniques concernant une vision religieuse unique, la vision chrétienne. Cependant, malgré les divergences dans le milieu chrétien, nous ne remarquons pas de distinction claire entre catholiques et évangéliques, conservateurs, en ce qui concerne la suppression de la culture afro-brésilienne ou un projet de christianisme hégémonique.

**Mots-clés:** Hégémonie Chrétienne; Diversité Religieuse; Manifestation.

### HEGEMONÍA CRISTIANA - EL NEOPENTECOSTALISMO Y SU RELACIÓN CON LAS RELIGIONES DE MATRICES AFRICANAS

**Resumen:** Este artículo discute sobre la presencia de la hegemonía cristiana en la formación social brasileña a través de la relación entre Estado e Iglesias, en un primer momento la iglesia católica imbuida de un proceso civilizatorio, pero en otro contexto las iglesias evangélicas, también se acercaron al poder estatal interesadas en definir espacios de actuación política, social y cultural en la forma de consolidar su visión del mundo. En este sentido, el cristianismo introducido en nuestra sociedad por el catolicismo inició mecanismos de poder cultural, además de crear espacio para la implementación de valores sociales y morales, pero fue seguido por otras denominaciones religiosas cristianas, en el ropaje pentecostal, pero nítidamente neopentecostal, que auxilió en la estructuración de concepciones hegemónicas acerca de una única visión religiosa, la cristiana. Sin embargo, a pesar de las divergencias en el medio cristiano, no notamos una nítida diferenciación entre católicos y evangélicos, conservadores, cuando el asunto es la supresión cultural afro-brasileña o un proyecto de cristianismo hegemónico.

**Palabras-clave:** Hegemonía Cristiana; Diversidad Religiosa; Demonización.

### APROXIMAÇÃO ENTRE IGREJA E ESTADO – UM PROJETO DE DOMINAÇÃO

Historicamente, não dá para apartar a política, a sociedade e a cultura no Brasil da presença do elemento religioso cristão. Em maior ou menor grau, a presença religiosa sempre esteve presente. Lendo o Relatório de Intolerância Religiosa da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR/RJ), organizado pelo Prof.º Dr. Babalawô Ivanir dos Santos, no item Elementos Historiográficos da Liberdade Religiosa no Brasil, os autores ao citarem Hoornaert (1974) destacam que um dos interesses de D. João III, ao colonizar o Brasil, era a expansão da fé católica por essas terras. Em carta ao primeiro Governador-geral do Brasil, Tomé de Souza, sua majestade escreveu: “A principal causa que me levou a povoar o Brasil foi que a gente do Brasil se convertesse à nossa Fé católica” (Santos et al., 2016 apud, Hoornaert, 1974. P.32). Portanto nossa história é configurada pela presença da participação religiosa na formação de nossa sociedade, com predomínio da religião católica. Contudo tal



predomínio tem perdido espaço para os grupos evangélicos de denominações pentecostal e neopentecostal nos dias atuais.

Esse longo cenário nos remete pensar a questão da secularização e estado laico como atributos construídos num determinado momento histórico, pois no Brasil, Estado e Igreja por muito tempo andaram juntos incumbidos de um processo civilizador que tinha a cultura europeia como modelo a ser seguido, com as demais culturas presentes na sociedade sendo rejeitadas. Mesmo com o estabelecimento do Estado Laico, no Brasil a relação entre o Estado e a religião, sempre estiverem presentes. Há presença de muitos elementos do universo religioso cristão nos espaços do poder público, conforme podemos identificar pela presença em diversas instituições públicas de imagens de santos católicos, ou discursos cotidianos que marcam a presença na crença em um Deus cristão, pontuando a característica religiosa de uma determinada religião.

A mesma contradição, percebemos quando nos referimos à escola pública laica, cujo marco reside na presença da educação religiosa confessional que mais atende ao cristianismo do que outra fé. Stela Caputo (2012) demonstrou como a escola se direciona ao cristianismo quando o assunto é o ensino religioso. De todos os professores aprovados para lecionar o Ensino Religioso no ano de 2004, 68,2% dos aprovados ministram aula da religião católica, em seguida os evangélicos estão na faixa de 26,31% e os de outras religiões 5,26%, como resultado temos 94,51% dos professores aprovados ensinando elementos do universo cristão.

Voltando a questão do envolvimento do Estado e da religião, no sentido da inserção política, social e cultural na sociedade em termos históricos, durante o período de colonização portuguesa a visão de mundo a cultura europeia, em especial a religião católica foi usada como forma de legitimar e facilitar a dominação dos nativos e posteriormente pelos negros trazidos como escravos, pois havia o interesse de dar vazão a todo um processo cruzadista de empreitada cristã no novo mundo. Esta mentalidade, entre Estado e religião, tem sua gênese, desde o período medieval, mesmo com a força da Igreja se sobrepondo ao do Estado no aspecto ideológico e legitimador das relações sociais e poder.

Numa Europa devastada por conflitos entre povos bárbaros o processo de uniformidade social foi demarcada por arranjos políticos entre Igreja e lideranças bárbaras convertidas ao cristianismo. A aliança entre poder político e religioso foi se desenvolvendo e ganhando fôlego na cultura europeia, mas particularmente aos povos

ibéricos através das Cruzadas que concretizaram sua campanha de expansão do cristianismo no processo de Reconquista territorial, em que empreenderam guerras santas contra os árabes *infiéis*. Nesse sentido, nos incorre dizer que a ideologia da Intolerância Religiosa sempre fez parte da expansão ibérica e da cultura colonizadora que se desenvolveu no Brasil.

No período colonial os jesuítas empreenderam investidas culturais e civilizatórias nos nativos da América, após foi a vez dos grupos africanos que, neste contexto, foram inibidos de praticar suas crenças religiosas. Essas e outras investidas promovidas por colonizadores, para levar a cabo suas estratégias de dominação ocorriam e foram apontadas na História como ações violentas contra as tradições que fossem diferentes da cultura europeia. A configuração estabelecida era a aliança entre Igreja e Estado, através de modelos políticos como o Padroado Régio, conforme consta no parecer do Relatório do CEAP/RJ (2018), em que poderes de Estado eram concedidos a Igreja como forma de facilitar o trabalho de colonização nas terras brasileiras, que consistia em *converter a gente do Brasil* por meio de um projeto civilizatório através do cristianismo. Acreditava-se na colaboração do cristianismo como elemento promovedor da obediência coletiva dos nativos, num primeiro momento, e do povo de forma geral em relação às ordens da coroa portuguesa, ou seja, o cristianismo atuaria como uma ideologia de dominação.

Num misto de conversão e conflitos, grupos indígenas foram vencidos e convencidos a realizarem trabalhos compulsórios através de “descimentos”<sup>2</sup> ou deixaram suas terras para viverem nas Missões evitando assim as “guerras justas”<sup>3</sup>. Por outro lado havia o interesse do rei de Portugal em evitar as investidas de hereges e suas ideologias<sup>4</sup> que poderiam afetar o projeto de formação da sociedade colonial portuguesa de base cristã católica.

---

<sup>2</sup> Os descimentos eram expedições a princípio missionárias, realizadas por lideranças religiosas que tinham por objetivo convencer os índios a “descer” de suas aldeias de origem para viverem em aldeamentos próximos dos núcleos coloniais. Como uma espécie de local em que os índios eram mantidos para, depois de catequizados, serem levados ao trabalho nas fazendas dos colonos, para os serviços da Coroa Portuguesa por um determinado tempo.  
[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039\\_10.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039_10.html)

<sup>3</sup> A Coroa Portuguesa proibia a captura de índios por meio de uma Carta Régia emitida no ano de 1570. Mas essa proibição era desconsiderada se os índios se voltassem contra os colonizadores, tal condição era caracterizada como guerra justa.

<sup>4</sup> O objetivo era contar com o apoio dos jesuítas contra os protestantes, mas nem sempre as ações foram bem sucedidas conforme aconteceu com a chegada dos franceses huguenotes em 1555, ou o governo holandês em 1624 que permitiu cultos judaicos e aceitou a construção da primeira sinagoga americana em solo brasileiro, além dos indícios de comunidades muçulmanas no Brasil Colonial, denunciados com toda

Não há dúvidas sobre o projeto ideológico cristão por traz do processo de civilização portuguesa, por isso se fazia necessário excluir ou restringir outras formas de cultura o projeto civilizador e dominador idealizado. Tendo a Igreja Católica como aliada havia necessidade de conduzir o projeto de estado numa ótica intolerante. Segundo Santos et. al. (2016) no Relatório do CEAP/RJ “a Igreja Católica acabou ficando estigmatizada como a religião iniciadora da intolerância religiosa no período colonial brasileiro, justamente pelas atrocidades cometidas àqueles que tivessem uma crença diferente das que eles implantaram aqui no Brasil”. (Santos, et al., 2016, pág. 108)

A relação entre o Estado e a Igreja se estabeleceu durante o período imperial e o período republicano. Durante o Império a Constituição de 1824 garantiu a oficialidade do cristianismo católico mantendo a aliança entre Estado e Igreja e durante a república a aliança se mantém é possível perceber o apoio da Igreja Católica aos governos do Estado Novo e Regime Militar da década de 1960, mesmo sabendo que durante a ditadura militar havia setores da Igreja, como foi o caso dos setores mais progressistas, o caso da Teologia da Libertação e Pastoral da Terra que ficaram contra o governo militar.

Contudo, a partir dos anos de 1980, percebemos o crescimento da expansão dos grupos evangélicos no Brasil, com destaque para os grupos neopentecostais, fato que propagará a ideologia cristã, sob outros moldes, mas que manterá nítida a relação entre Estado e religião, sendo que a partir desse período promove-se a inclusão dos setores evangélicos nessa relação, a princípio de maneira tímida e despercebida, mas hoje a atuação se faz pela presença de uma bancada evangélica.

Para ilustrar a relação entre estado e religião recordamos da comemoração da posse do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, com a memorável oração evangélica em rede nacional, fato que gerou comentários nas redes sociais tanto de oposição quanto de aprovação. Para os apoiadores do projeto de estado laico os comentários eram negativos à ação do presidente, porém em intensa medida surgiram comentários de admiração que exclamavam que pela primeira vez na história republicana recente, um presidente orou em rede nacional, afirmando simbolicamente, a adesão governamental a ideologia cristã. Diferente do que muitos devem estar

---

certeza nos atos da Santa Inquisição do século XVI. Para maiores detalhes ver Relatório de Intolerância Religiosa de 2016.

pensando, não vivemos um paradoxo religioso no Brasil na atualidade, experimentamos, há tempos, a influência da ideologia religiosa cristã em nossa base política e cultural.

### **LIDERANÇA E INTERFERÊNCIA NEOPENTECOSTAL NO MEIO EVANGÉLICO**

O pentecostalismo surge no Brasil com a fundação da Igreja Congregação Cristã, em 1910, em Belém do Pará, e, no ano seguinte com a fundação da Assembleia de Deus, em São Paulo. Ao que indicam os estudos de Silva (2015) era um movimento religioso ainda inexpressivo ligado às experiências em falar em línguas, ao movimento de conversão da doutrina a respeito do batismo com o Espírito Santo, porém eram práticas ainda tímidas reclusas ao cenário da igreja e sua comunidade. Contudo desde o início da formação pentecostal já é possível notar cismas entre as lideranças e seguidores a respeito de interpretações proselitistas, muito comum a tal denominação por ser fruto das demandas individualistas muito próprias ao meio capitalista.

O pentecostalismo iniciado no Brasil, de acordo com Freston (ORO, 2003 apud Freston 1994) é de nacionalidade sueca. No país de origem os pentecostais eram discriminados e constituíam uma minoria que se caracterizava por um comportamento de aceitação do martírio além de aceitar a postura de sofrimento como uma marca de redenção, já no Brasil apesar de um inicial comportamento dentro deste perfil, atualmente podemos falar em sujeitos dispostos a interagir em sociedade e participar dos bens que a vida tem a oferecer.

Ao citar Harvey Cox, Pedro Oro (2003) enfatiza a seguinte ideia: “O sucesso dessas religiões depende de sua capacidade de habilitar seus seguidores a arcar com um mundo em rápida transformação” (Oro, 2003, pág. 8) Portanto de uma condição de passividade, os evangélicos pentecostais e, em maior medida, os neopentecostais passam a se comportar de forma mais ativa num mundo em plena transformação.

Afirmamos com base em Oro (2003) que nesse processo de desenvolvimento, conhecido como primeira onda, o pentecostalismo se manteve isolado do mundo numa comunhão mais discreta tendo a glossolalia (falar em línguas) como uma das suas fundamentais características.

Somente nos anos de 1950 e 1960 de acordo com Silva (2005) o movimento pentecostal assumiu novo formato no Brasil expandindo suas igrejas com novas denominações e ganhando visibilidade, num primeiro momento, numa ótica negativa



para a sociedade não acostumada com o comportamento pentecostal, mas em vias de crescimento pelo contingente que passou a procurar essa denominação como suporte religioso em suas vidas.

Tal procura era facilitada pelas estratégias de conversão que passaram a ser mais dinâmicas em meados do século XX. Nesse período estabelece-se a Cruzada Nacional de Evangelização fenômeno organizado pela Igreja do Evangelho Quadrangular, em que o objetivo era desenvolver campanhas evangelísticas através de pregações públicas. Montavam-se tendas de circo temporárias, que peregrinavam por lugares estratégicos e assim a liturgia pentecostal ia sendo disseminada. Aos poucos surgiam novos núcleos religiosos e as tendas eram substituídas por novas igrejas. A meta era levar a mensagem religiosa a cada capital do estado e depois espalhar o trabalho de conversão nos municípios. Já no final da década de setenta o evangelismo pentecostal era reconhecido como o mais atuante e ousado nas construções de grandes e belos templos.

As décadas de 1950 e 1960 mobilizaram muitas experiências de expansão do pentecostalismo e ficaram conhecidas pelo termo segunda onda. Foi nesse momento que, segundo Silva (2015), o pentecostalismo se caracterizou pelo dom da cura divina (os templos eram chamados de igrejas da cura) e pelas estratégias de proselitismo e conversão em massa, todavia manteve a doutrina dos dons carismáticos como proferir a fé, crença nas profecias, discernimento, cura, línguas, além do sectarismo e do ascetismo.

Numa nova roupagem, já no final da década de 1970, o pentecostalismo é traduzido como neopentecostalismo e descrito por Mariano (1999) como uma denominação desafiadora dos poderes divinos. Até então os pentecostais não desafiavam a Deus para que prosperassem, seu proselitismo era recluso e comunitário, apesar de expansionista, mas a palavra divina era encaminhada de forma mais sectária, os fieis eram direcionados pelas lideranças religiosas a aceitar os desígnios de Deus. Entretanto um novo proselitismo era cunhado, o qual será denominado neopentecostalismo, característico da terceira onda pentecostal.

Esta fase é interpretada por Freston (Oro, 2003, apud Freston, 1994) como período de saída da marginalização do pentecostalismo e marcada por algumas diferenças significativas no quesito comportamental do seguidor e nas praticas adotadas pelas novas igrejas, como por exemplo: o abandono, ou na avaliação de Silva (2005), uma redução do ascetismo, valorização do pragmatismo, forte adesão da empreitada



empresarial para administrar os templos e demais meios propagadores da fé, uso da mídia como instrumento de proselitismo em massa, ênfase na teologia da prosperidade e na batalha espiritual contra o mal, representado, principalmente, pelas religiões de matrizes africanas e mais recentemente a concretização da inserção dos evangélicos no meio político.

Como já foi citado, a partir dos anos de 1980 houve um sensível crescimento dos grupos evangélicos no Brasil, principalmente dos grupos neopentecostais. Através da pesquisa sobre o perfil religioso da população brasileira promovido pelo IBGE e outros institutos de pesquisa, como o Instituto Datafolha, confirmamos a projeção de crescimento desses grupos em detrimento da queda do número de fiéis católicos, provando que o Brasil está passando por uma reconfiguração religiosa.

Podemos avançar nossa interpretação para um novo conceito que chamaremos aqui de *redimensão denominal e organizacional* da religião de base cristã, pois não há uma base na mudança estrutural de hegemonia cristã. Na verdade, observamos a ampliação do cristianismo em cristianismos, nos quais incluímos católicos e diversos grupos evangélicos, ou seja, o contexto hegemônico cristão católico cede lugar às variações ideológicas evangélicas, que por mais que caibam diversidades doutrinárias a base de estrutura de pensamento continua sendo a mesma, em que podemos observar algumas semelhanças na questão dos valores morais, entre estes a maneira como se interpreta a questão da sexualidade do indivíduo, ou até mesmo a adesão, muito embora velada, mas presente, de conceituar como demoníaco o universo religioso afro-brasileiro, muito embora percebamos mais tal configuração no discurso institucional das igrejas neopentecostais.

O conceito sobre a demonização das religiões afro-brasileiras é diferente entre católicos e evangélicos, que seguem a linha neopentecostal, visto que os primeiros não têm uma posição tão fundamentalista em caracterizar as religiões afro-brasileiras como demoníacas e seus discursos não se assentam nisso; já o discurso institucional neopentecostal está assentado principalmente na referência demoníaca à religiosidade afro-brasileira. Todavia Mariano (2015) nos leva a refletir mais a respeito dessa diferenciação cristão quando o assunto são as religiões de matrizes africanas, quando diz:

(...) uma série de racionalizações religiosas de cunho cristão, de interesse institucional da Igreja Católica e há muito sedimentadas no imaginário social e na cultura brasileira, fundamentava concepções e juízos de valor para alicerçar e





justificar as acusações de curandeirismo e de magia negra contra um sem-número de adeptos e líderes desses cultos. Ambas as acusações retomavam velhos argumentos e o velho ranço da ortodoxia cristã contra aquilo que classificava de feitiçaria, bruxaria e magia negra. O apelo a essa ortodoxia constituiu um poderoso mecanismo, de longuíssima tradição, que o cristianismo, tanto em sua vertente católica como protestante, pôs em funcionamento para demonizar, quando não suprimir, as crenças, as práticas e os agentes religiosos rivais. Tradição de que se fez largo uso no Brasil da primeira metade do século XX para embasar acusações e discriminações de cunho religioso, policial e judicial contra os “feiticeiros” e as “seitas” de plantão neste país. (Mariano, 2015, pág. 127)

Precisamos ter em mente que a legitimidade do cristianismo, seja ele na sua forma católica ou na diversidade evangélica, contribuiu para manter a marginalização dos cultos afro-brasileiros, como conclui o autor anteriormente citado.

Para comprovarmos o atual cenário redimensional religioso trouxemos o gráfico do Instituto Data Folha que além de trazer o aumento no número de evangélicos e a redução dos católicos, traz também o surgimento de novas denominações religiosas e afirmações de declarações de grupos sem religião, vejamos:

**Tabela 1.**

Distribuição percentual das pessoas, segundo filiações religiosas, por data de pesquisa  
Brasil: ago/1994 a dez/2016

Categorias	ago/94	out/01	out/06	out/10	dez/16
Católicos	75	62	68	63	50
Evangélicos	14	21	20	24	29
Sem-religião	5	7	5	6	14
Outros	6	10	7	7	7
Total	100	100	100	100	100

Fonte: Datafolha <http://datafolha.folha.com.br/>

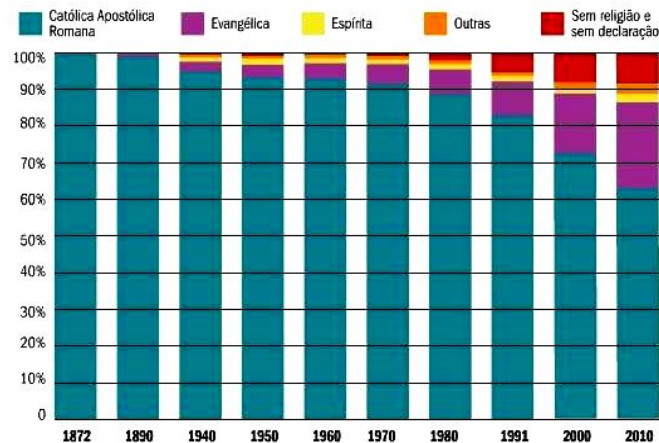
Os dados apresentados nesse longo período histórico nos levam a refletir sobre um acirramento na hegemonia entre cristãos católicos e evangélicos pela disputa de poder de ideologia mais específica apensar da manutenção das categorias sem-religião e outras minorias nesse aspecto.

De acordo com os dados do Censo Institucional Evangélico dos anos de 1990 a 1992 realizados pelo Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) foram somados 3.477 templos evangélicos de 85 diferentes denominações, mostrando o crescimento dos grupos evangélicos que já representavam, neste período, 61% das denominações pentecostais superando os grupos históricos que somam juntos 39% dos evangélicos.



Outra fonte que nos auxilia investigar a questão do crescimento do número de filiados evangélicos é apresentado pelo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico – IBGE. Podemos observar a queda dos católicos e o crescimento dos grupos evangélicos, os sem religião e as outras religiões. Vejamos:

**Gráfico 1.**



Fonte: Diretoria Geral de Estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890 e IBGE. Censo Demográfico 1940/1991

Observando a última década do gráfico confirmamos a queda do número de católicos apesar da Igreja Católica ainda ser a instituição com maior número de fiéis. No ano de 1970 os católicos representavam mais de 90% dos religiosos do Brasil, já no ano de 2010 essa quantia não ultrapassa os 70%. Segundo as informações do gráfico ocorreu uma queda de mais de 10% do número de católicos no último ano avaliado, já os evangélicos, nos últimos quarenta anos saltaram de 5,2% dos religiosos para 22,2%.

De acordo com o IBGE, até 2020 não haverá um novo censo oficial, mas os dados coletados ao longo de um novo período de 10 anos podem ser apresentados em estudos periódicos que servem para mostrar tendências estatísticas. Conforme podemos mostrar no estudo do demógrafo José Estáquio Diniz<sup>5</sup> (2010) da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE há cerca de 10 a 15 anos o Brasil não será mais maioria católica.

Podemos observar nas estimativas do estudo do demógrafo José Estáquio Diniz (2010) da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE lançadas no gráfico a

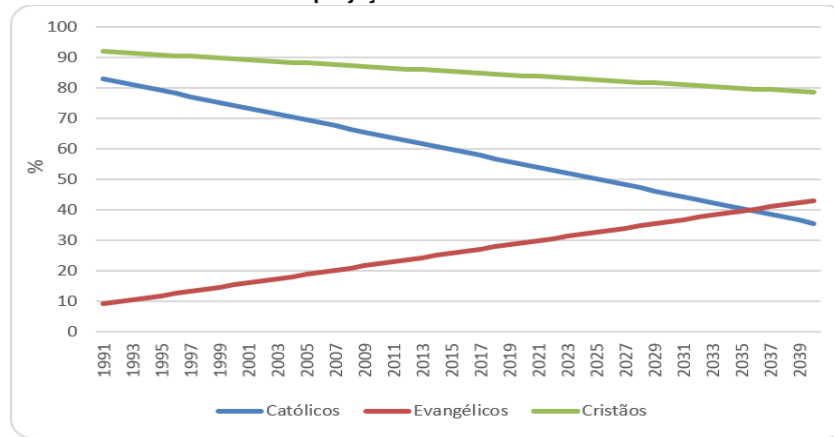
<sup>5</sup> <https://www.ufjf.br/ladem/2017/01/15/uma-projecao-linear-da-transicao-religiosa-no-brasil-1991-2040-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso: 25/01/2019



seguir, mas só poderemos comprovar novos dados através das próximas análises do IBGE:

### Gráfico 2.

Percentagem de católicos e evangélicos na população brasileira de 1991 a 2010 e projeção linear até 2040



Fonte: IBGE, censos demográficos de 1991 a 2010 e projeção linear até 2040

A Faculdade de Teologia da PUC-SP, aponta para a possibilidade de ser maior a escassez do número de fiéis católicos, quando pensamos a possível redução entre o número de batizados e aqueles que assiduamente frequentam as missas no domingo.

Para o professor Campos Machado, do Núcleo de Religião, Gênero, Ação Social e Política, da Escola de Serviço Social da UFRJ, "os evangélicos vão para onde o Estado não atende às necessidades básicas daqueles que mais precisam"<sup>6</sup>, essa realidade deixa os pastores e líderes evangélicos mais próximos do povo do que as lideranças da Igreja Católica, aproximando os sujeitos das religiões evangélicas.

Uma pesquisa do Instituto Datafolha (2013) mostra que os católicos estão se tornando menos numerosos e menos fiéis (vão pouco às missas). De acordo com Alves, Barros & Carvalho: "Entre os católicos brasileiros, 28% costumavam ir à missa uma vez por semana, 17% costumavam ir à missa e a outros serviços religiosos mais de uma vez por semana, 21% disseram ir à igreja uma vez por mês e 7% assumiram que não a frequentavam"<sup>7</sup>.

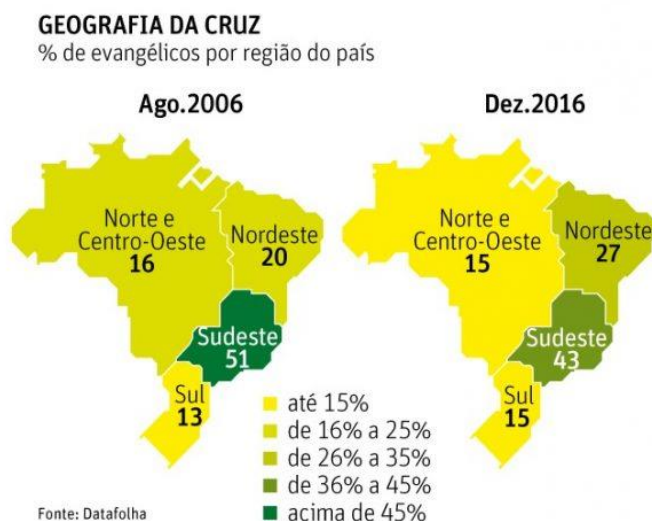
<sup>6</sup> Informação retirada da notícia Brasil terá maioria evangélica em 2020, segundo estatísticas do site: <https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/brasil-tera-maioria-evangelica-em-2020-segundo-estatisticas.html>

<sup>7</sup> Informações contidas na notícia veiculada no artigo: Alves, J., Cavenaghi, S., Barros, L., & Carvalho, A. (2017). Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, 29(2), 215-242. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.112180>

Contudo Reginaldo Prandi, docente da Universidade de São Paulo, em entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, afirma que nos últimos dois anos, o número de pessoas que dizem não seguir nenhuma religião passou de 6% para 14%, sem que isso significasse que todos esses se tornaram ateus. Para Prandi os sujeitos podem afirmar ter religião hoje e não ter amanhã, pois “a religião deixou de ser condição obrigatória para ser bom cidadão”<sup>8</sup>, perdendo seu papel social.

Desde o primeiro recenseamento nacional até a década de 1970, o perfil religioso predominante foi o catolicismo, característica essa relacionada a atributos históricos herdados do processo colonial imbuído da formação de uma identidade brasileira, como já vimos. Mas ao longo dos estudos percebe-se rápida mudança no aspecto religioso, que apesar de se manter cristão está sendo moldado por outras bases proselitistas.

**Gráfico 3.**



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml>

Em recente pesquisa o Data Folha compara o crescimento dos grupos evangélicos entre os anos de 2006 e 2016, informação que, de fato, parece coadunar a hipótese de Prandi, apesar de certa estagnação no crescimento dos grupos evangélicos nas regiões norte, centro-oeste e sudeste, as regiões sul e nordeste caminham em outra direção.

<sup>8</sup> <https://noticias.gospelmais.com.br/numero-evangelicos-brasil-nao-para-crescer-datafolha-87608.html>

A tabela a seguir representa o quantitativo religioso por amostragem da pesquisa do IBGE referente ao ano de 2010:

**Tabela 2. As religiões do Brasil em 2010**

Religião	Pessoas	%
Católica Apostólica Romana	123.280.172	64,63
Evangélicas	42.275.440	22,16
Sem religião	15.335.510	8,04
Espírita	3.848.876	2,02
Outras religiosidades cristãs	1.461.495	0,77
Testemunhas de Jeová	1.393.208	0,73
Não determinada e múltiplo pertencimento	643.598	0,34
Umbanda e Candomblé	588.797	0,31
Católica Apostólica Brasileira	560.781	0,29
Budismo	243.966	0,13
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	226.509	0,12
Não sabe	196.099	0,10
Novas religiões orientais	155.951	0,08
Católica Ortodoxa	131.571	0,07
Judaísmo	107.329	0,06
Tradições esotéricas	74.013	0,04
Tradições indígenas	63.082	0,03
Espiritualista	61.739	0,03
Sem declaração	45.839	0,02
Islamismo	35.167	0,02
Outras religiosidades	11.306	0,01
Hinduísmo	5.675	0,00

Fonte: Soimam, 2010

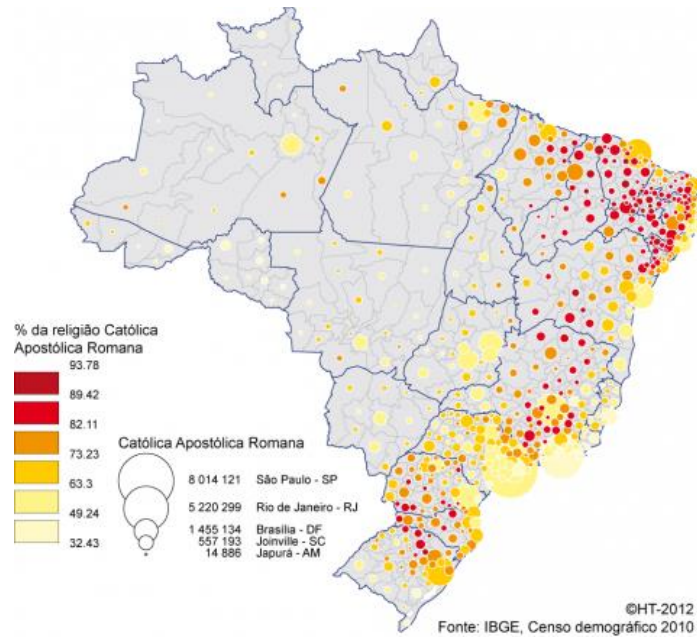
Os dados anteriores foram comentados no artigo *Religiões no Brasil* de René Somain (2010) e nos mostram o crescimento da diversidade religiosa no Brasil. Apesar da diversidade há grande defasagem de seguidores entre determinadas religiões. A concentração de seguidores ainda se faz presente na religião de base cristã, sendo os católicos a maioria. Tal estudo, baseado nos dados do IBGE, cogita uma redução ao longo do tempo do número de católicos ao se comparar os dados do censo de 2000 para o ano de 2010, pois desde o último censo observa-se a redução do número de católicos e o crescimento do número de evangélicos e pessoas sem religião.

Segundo Soimam (2010), “o catolicismo continua dominante no Nordeste e nas regiões de agricultura do Sul, mas nas grandes cidades ele não representa mais do que os dois terços da população e no caso do Rio de Janeiro, a metade”<sup>9</sup>.

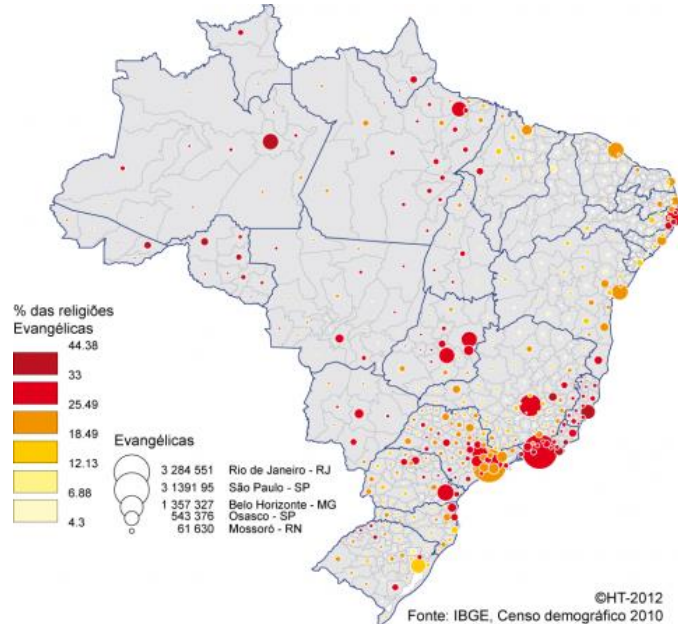
Como podemos observar nos mapas a seguir, a maior concentração de católicos está na região nordeste, mas no interior dos estados do nordeste, enquanto o número de evangélicos se concentra em áreas urbanas do sudeste<sup>10</sup>:

<sup>9</sup> Informações retiradas do artigo René Somain, « Religiões no Brasil em 2010 », *Confins* [Online], 15 | 2012, posto online no dia 02 julho 2012, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/confins/7785> ; DOI: 10.4000/confins.7785.



**Gráfico 4. Católicos**

Fonte: <https://journals.openedition.org/confins/7785>

**Gráfico 5. Evangélicos**

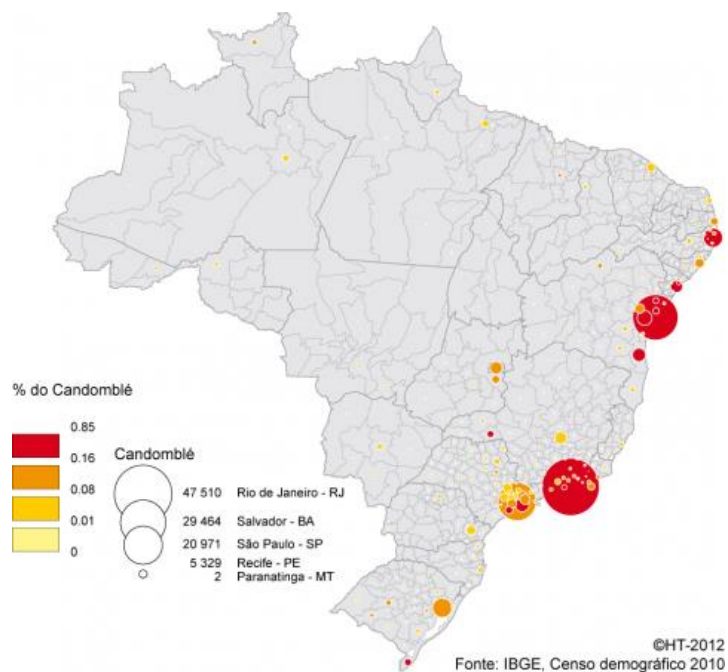
Fonte: <https://journals.openedition.org/confins/7785>

Já ao se pensar no quantitativo dos praticantes de umbanda e candomblé percebemos maior concentração dos adeptos de candomblé na Bahia, especificamente e

<sup>10</sup> Dados da pesquisa de Rene Soiman (2010) contidas no site <https://journals.openedition.org/confins/7785>

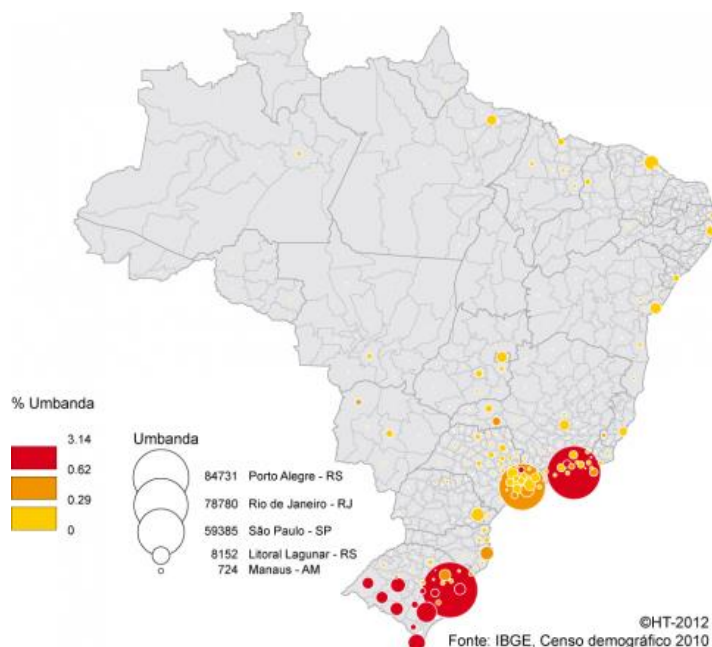
no Rio de Janeiro e os praticantes de umbanda, estão nas mesmas regiões do Candomblé, mas somam forças também no Rio Grande do Sul, vejamos:

**Gráfico 6. Candomblé**



Fonte: <https://journals.openedition.org/confins/7785>

**Gráfico 7. Umbanda**



Fonte: <https://journals.openedition.org/confins/7785>

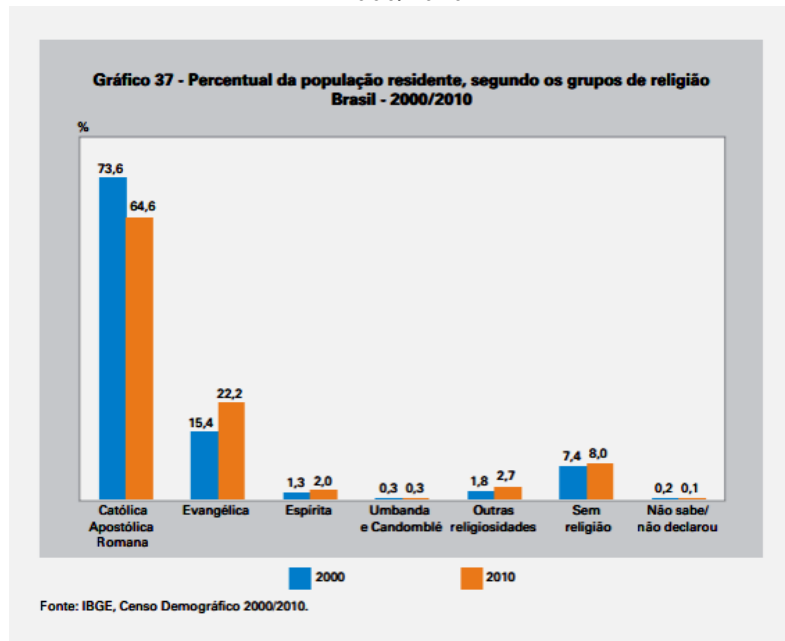
No Censo Demográfico de 2010, enquanto evangélicos e católicos chegam a margem aproximada de 40% a 90%, respectivamente, as religiões de matrizes africanas,



não chegam a margem de 10% de adeptos, tal constatação deflagra a hegemonia cristã em nossa sociedade.

O gráfico a seguir apresenta a mudança no percentual dos grupos religiosos brasileiros entre os anos de 2000 a 2010:

**Gráfico 8. Percentual da população residente, segundo os grupos de religião Brasil – 2000/2010**



Como pudemos observar, a proporção de católicos tende a reduzir, apesar de ainda se mostrar a religião majoritária no Brasil. Por outro lado, observamos um crescimento da população evangélica, que segundo dados do IBGE (2010) passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Com base em estudos anteriores do IBGE, podemos contemplar um contexto histórico de 30 anos em que o número de evangélicos no Brasil saltou de 6,6% para 22,2%; esse quantitativo representou um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas, chegando a um total de 42,3 milhões de pessoas. Já os católicos reduziram de 73,6% em 2000 para 64,6% em 2010, enquanto os seguidores das religiões de matrizes africanas mantiveram-se em 0,3% em 2010.

De acordo com Mariano (1999, p. 11) uma pesquisa do Datafolha feita entre 15 de agosto e 5 de setembro de 1994, com amostragem de 20.993 eleitores distribuídos por todo o território brasileiro relatou que os pentecostais já seriam 76% dos evangélicos e no ano de 1996 a denominação neopentecostal já representaria 65,1% do





protestantismo nacional. Na mesma década o Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER) recenseou 13 municípios do Grande Rio, em bairros economicamente mais pobres e periféricos encontrou 85 denominações religiosas evangélicas diferentes com 3.477 templos, algumas igrejas com mais de 3 a 4 filiais. Desses 3.477 templos 61% pentecostais e 39% protestantes históricos.

Outros estudos apontam para a diversidade dentro do próprio meio evangélico. A diferença entre evangélicos históricos e pentecostais pode ser descrita na explicação de Mariano:

“Para simplificar, os pentecostais, diferentemente dos protestantes históricos, acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo, continua a agir hoje da mesma forma que no cristianismo primitivo, curando enfermos, expulsando demônios, distribuindo bênçãos e dons espirituais, realizando milagres, dialogando com seus servos, concedendo infinitas amostras concretas de Seu supremo poder e inigualável bondade”. (Mariano, 1999 pág. 10)

Entretanto a diversidade evangélica parece não estar contra ao que se julga ser o elemento demoníaco:

A pesquisa Novo Nascimento, realizada pelo Iser em 1994, comprova isso, ao constatar que nada menos que 95% dos evangélicos do Grande Rio de Janeiro consideram a umbanda e o candomblé religiões demoníacas (Mariano, 2015 apud Fernandes, 1998, pag. 81-82). Já o kardecismo, o ateísmo e o catolicismo são classificados como demoníacos por 83%, 52% e 30% dos evangélicos, respectivamente. (Mariano, 2015, pág. 133)

Observando o ranking das religiões de caráter espírita, a liderança está para as religiões de matrizes africanas quanto à votação para a interpretação demoníaca, sendo seus adeptos alvo de discriminações e ataques de intolerância. Mas, dependendo do contexto, a aversão entre cristãos pode surgir, como podemos observar na pesquisa a sinalização do catolicismo como religião demoníaca para 30% dos evangélicos, pois entre eles há uma questão de disputa de poder sobre o monopólio da fé cristã cuja disputa política, levando em conta a bancada evangélica neste quesito.

A respeito do perfil de adeptos das igrejas evangélicas, Mariano (1999) defende que a concentração desse grupo está ligada aos extratos mais pobres da sociedade. Em análise da pesquisa da década de 1999 chamada, Novo Nascimento do ISER<sup>11</sup> concluiu-se que mais da metade dos adeptos das religiões evangélicas recebiam até dois salários mínimos, enquanto ao grau de escolaridade, para a grande maioria não ultrapassa 4 anos

---

<sup>11</sup> Dados do ISER obtidos em Fernandes, 1996 págs. 10 e 12 por pesquisa de Ricardo Mariano, 1999.



de escolaridade. Sendo 61% do total de pesquisados, pessoas que recebem até dois salários mínimos e 42% para as pessoas que possuem menos de quatro anos de escolaridade.

A análise de Mariano (1999) tem base na análise de dados apresentados por Fernandes (1996), que corroboram com o último censo do IBGE em que se conclui que:

“os católicos (6,8%), os sem religião (6,7%) e evangélicos pentecostais (6,2%) são os grupos com as maiores proporções de pessoas de 15 anos ou mais de idade sem instrução. Em relação ao ensino fundamental incompleto são também esses três grupos de religião que apresentam as maiores proporções (39,8%, 39,2% e 42,3%, respectivamente)”<sup>12</sup>.

Constatamos que um bom número de adeptos das religiões cristãs com pouco tempo de escolaridade são mais suscetíveis às promessas divinas a sua vida material. Concordamos com Mariano (1999) ao classificá-los como grupos mais marginalizados, mais pobres, menos escolarizados, alheios a sindicatos, desconfiados dos partidos<sup>13</sup>, muito embora a última campanha eleitoral de 2018 tenha contado com as lideranças evangélicas para angariar votos, o perfil clássico do sujeito evangélico é estar abandonado pelo poder público, nesse sentido, tal abandono, poderia proporcionar um comportamento de opção para um discurso de promessa imediata de benefícios materiais não conquistados através de ações sócio-estatais, porém cheios de expectativa em conseguir suas bênçãos por meio das igrejas neopentecostais. Diversas notícias veiculadas em páginas da internet se referem a aliança entre lideranças religiosas e partidos políticos, mesmo que isso não represente a obediência dos adeptos aos seus líderes religiosos.

Podemos identificar que, para além da problemática da falta de apoio e ações governamentais, a Igreja é o local do encontro da receptividade, do apoio terapêutico-espiritual e da solidariedade material, conforme afirma Mariano (1999). Como uma “rede acolhedora em ambiente hostil”, conforme afirma Ubirajara Calmon Carvalho, no artigo de Melo (2012), as igrejas evangélicas estão mais próximas dos grupos marginalizados por utilizarem um discurso popular em que se põe em pauta as necessidades locais. Não

---

<sup>12</sup> Informações retiradas no site: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso no dia: 03/12/18.

<sup>13</sup> Atualmente a característica de desconfiança dos partidos políticos sofreu uma significativa mudança, pois é um fato a aliança entre líderes religiosos a partidos políticos. A afirmativa pode ser confirmada pela existência da Bancada Evangélica e de algumas lideranças evangélicas como a Pastora Damares, atual Ministra dos Direitos da Mulher, da Família e Direitos Humanos.



sendo comum a mesma atitude no catolicismo, em que uma parcela do clero fica afastada dos fieis, e muitas vezes tais fieis são figuras anônimas dentro da igreja católica, contudo no meio evangélico procura-se receber o fiel na porta, sabe-se seu nome e sua história, até porque o adepto é estimulado a dar testemunhos de sua salvação. Esse ambiente acolhedor é muito importante para manter a presença e o interesse de retornar dos seguidores que se sentem *em casa*.

A diversidade no meio evangélico, como nos informa Mariano (1999), não cria eco em divergências entre os diferentes grupos, o que possibilita um pensamento genérico ao elemento evangélico. Para Giumbelli (2015) tanto o pentecostalismo quanto o neopentecostalismo têm um projeto de cristianismo hegemônico apesar de algumas diferenças proselitistas compartilham alguns dogmas e liturgias. Entretanto a aproximação entre os grupos evangélicos está mais ligada às ações sociais promovidas por esses grupos que abrem espaço político para todos os evangélicos. Inclusive o autor nos leva a refletir sobre o poder de representatividade dos neopentecostais tendo como ícone a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) para avaliarmos todos os evangélicos. Ademais alguns quesitos não exatamente dogmáticos acabam aproximando cristãos evangélicos e católicos, pois na cultura brasileira a moralidade passa por um crivo religioso promovendo debates acalorados quando a pauta é o que se ensinar nas escolas sobre a questão sexual ou mesmo sobre o que se entende por família “tradicional”. Assim o cristianismo é perpetuado num discurso moralista ou, melhor dizendo, em que o que está em jogo são moral e os bons costumes.

Neste cenário, interessa-nos pensar os dizeres neopentecostais que usam não só o espaço do púlpito das Igrejas como as chamadas escolinhas bíblicas e em rede nacional a mídia radialista, televisiva e online para produzir e manter o discurso que se refere à religiosidade de matriz africana como sendo “coisa do demônio”. Mas não precisa ser apenas do meio neopentecostal para seguir os programas midiáticos desta denominação, basta que o discurso pronunciado se afine com a postura conservadora de muitos evangélicos, dando-lhes garantias para que possam manter sua interpretação conservadora ou até mesmo intolerante a respeito da diversidade.

Dessa forma espero ter sinalizado reflexões a respeito de como o discurso institucional neopentecostal se articula como liderança evangélica quando o assunto é a defesa de certo conservadorismo sociocultural, muito bem descrito nos projetos e programas declarados pela bancada evangélica, bem mesmo nas interpretações a



respeito das religiões de matrizes africanas como algo demoníaco. Nesse cenário, conforme afirma Giumbelli (2015):

uma série de características da Igreja Universal, inclusive a articulação que ela realiza entre religião e política, reiteram uma certa economia da diferença: fundamentos que poderiam estar à serviço de uma identidade rígida operam para fazer com que os evangélicos interajam com (combatendo, mas também mimetizando, assimilando) seus opositores. (Giumbelli, 2015, p. 167)

Desta forma tanto a hegemonia cristã quanto a aversão à cultura afro-brasileira são mantidas, restando como desafio aos adeptos das religiões de matrizes africanas superar, conforme acredita Giumbelli (2015), a consolidação de um projeto de cristianismo hegemônico.

### REFERÊNCIAS

Alves, J., Cavenaghi, S., Barros, L., & Carvalho, A. (2017). Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, 29(2), 215-242. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.112180>

BIRMAN, Patricia. Cruzadas pela paz: práticas religiosas e projetos seculares relacionados à questão da violência no Rio de Janeiro. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 32(1): 209-226, 2012.

CAPUTO, Stela Guedes. *Educação nos Terreiros e como a escola se relaciona com as crianças de candomblé*/Stela Guedes Caputo. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

Censo Demográfico 2010. Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. *Censo demogr.*, Rio de Janeiro, p.1-215, 2010.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo. Edições Loyola. 1999.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação – A demonização dos cultos afro-brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da. *Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro*/ Vagner Gonçalves da Silva (org.) – 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MELO, Alice. No ritmo de Jesus. *Revista da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Ano 8, n 87, Dezembro, 2012, p14.

ORO, Ari Pedro, CORTEN, Andre e DOZON, Jean-Pierre (org). *Igreja Universal do Reino de Deus os novos conquistadores da fé*. São Paulo: Paulinas, 2003.

SANTOS, Babalawô Ivanir dos Santos [et al.] (organizadores). *Intolerância Religiosa no Brasil: relatório e balanço – Religious intolerance in Brazil: report account / Edição bilíngue – Rio de Janeiro: CEAP, 2016. 298p.: il*

SILVA, Vagner Gonçalves da. Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré – Relações socioestruturais entre neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras. In: *Intolerância Religiosa: Impactos do*

Neopentecostalismo no Campo Religioso Afro-brasileiro/ Vagner Gonçalves da Silva (org.) – 1 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

SILVA, Vagner Gonçalves. Concepções religiosas afro-brasileiras e neopentecostais: uma análise simbólica. *Revista USP*, São Paulo, n 67, p. 150 – 175, setembro/novembro, 2005.

SOMAIN, René. Religiões no Brasil em 2010, *Revista Confins* [Online], v. 15, n.15, 2012, disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/7785>

#### *Sites*

[http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039\\_10.html](http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039_10.html)

<https://www.ufjf.br/ladem/2017/01/15/uma-projecao-linear-da-transicao-religiosa-no-brasil-1991-2040-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>

<https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/brasil-tera-maioria-evangelica-em-2020-segundo-estatisticas.html>

[:https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1844365-deixam-de-ser-catolicos-ao-menos-9-milhoes-afirma-datafolha.shtml)

<https://noticias.gospelmais.com.br/numero-evangelicos-brasil-nao-para-crescer-datafolha-87608.html>

<https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>

*Recebido em janeiro de 2019*

*Aprovado em março de 2019*